



DOI: 10.20911/25260782v11n3p122/2026

O contraste entre as posições de Freud e Nietzsche sobre a distribuição da renúncia pulsional e suas consequências para o macrodiagnóstico

Felipe Cordeiro Alves¹

Resumo: Este trabalho explora as consequências do contraste entre as concepções antropológicas de Freud e Nietzsche para os diagnósticos de contexto orientados por suas teorias. A investigação situa em Freud, recorrendo a *Totem e Tabu*, a concepção da homogeneidade da renúncia pulsional como inauguradora da cultura, onde cada homem renuncia às suas tendências incestuosas e violentas, bem como à ambição de reocupar o posto de pai primevo. Esse modelo freudiano será contrastado com o de Nietzsche, para quem a distribuição da renúncia pulsional é originalmente desigual, sendo menos onerosa para setores e indivíduos criadores de valores, e posteriormente equalizada com o advento do sistema de valoração judaico-cristão. A diferença situada será reportada às consequências em Freud da universalidade do complexo de Édipo e limitação androcêntrica de sua teoria da cultura. Essa estrutura impõe às análises de contexto, aqui denominadas macrodiagnósticos, a exigência de encontrar tendências condizentes com o complexo de Édipo e renúncia pulsional. Já em Nietzsche, essas análises apresentam orientadores mais gerais, como o reconhecimento do antagonismo da moralidade e das tendências de rebanho contra o desenvolvimento da expansão da vontade de domínio. Por fim, a pesquisa se utiliza desse contraste para estabelecer uma relação de complementariedade entre os modelos.

Palavras-chave: Freud. Nietzsche. Édipo. pulsão.

Abstract: This study examines the implications of the contrast between the anthropological conceptions of Freud and Nietzsche for context-based diagnoses guided by their respective theories. The investigation situates in Freud, drawing on *Totem and Tabu*, the conception of the homogeneity of instinctual renunciation as the foundation of culture, whereby every man relinquishes his incestuous and violent tendencies, as well as the ambition to reoccupy the position of the primal father. This Freudian model will be contrasted with that of Nietzsche, for whom the distribution of instinctual renunciation is originally unequal, being less burdensome for value-creating sectors and individuals, and subsequently equalized with the advent of the Judeo-Christian value system. The identified difference will be linked to the consequences in Freud of the universality of the Oedipus complex and the androcentric limitation of his theory of culture. This structure imposes on contextual analyses, here termed macro-diagnoses, the requirement to identify tendencies consistent with the Oedipus complex and instinctual renunciation. In Nietzsche, however, such analyses are guided by more general principles, such as the recognition of the antagonism of morality and herd tendencies against the development and

1 Psicólogo, Mestre em estudos psicanalíticos e doutorando em Filosofia (UFMG), membro do grupo Nietzsche (FAJE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1880-3461> E-mail: felipepsi@live.com Endereço residencial ou profissional: Avenida Afonso Pena, 748, sala 1001.

expansion of the will to power. Finally, this research utilizes this contrast to establish a relationship of complementarity between the two models.

Keywords: Freud. Nietzsche. Oedipus. drive.

INTRODUÇÃO

Freud e Nietzsche foram consagrados como importantes pensadores da cultura que legaram influentes chaves interpretativas para compreensão de seus processos em curso. Percorrendo caminhos diferentes, os dois autores extrapolaram ferramentas conceituais das ciências, com ênfase no campo da medicina e psicologia, para analisar, ao modo de uma propedêutica, o estado de uma cultura. Ao fazê-lo, ingressaram, por um lado, na longa tradição da filosofia política, que pode ser remontada a Platão e Aristóteles e que se identifica com a produção de teses reflexivas sobre a descrição, estado e dinâmica do *corpus* social. Por outro, participaram da inauguração de uma nova variante dessa prática, que absorve as então inovações das ciências empíricas para a investigação racional a respeito dos contingentes populacionais, como se esses grupos constituíssem um corpo examinado do ponto de vista clínico.

Essa nova prática, da qual Freud e Nietzsche participaram dos gestos inaugurais, será denominada aqui *macrodiagnóstico*, pois retoma a tópica da filosofia política, integrando o estilo de pensamento e teses solidárias à cientificidade emergente no final do século XIX e início do XX. Nesse procedimento reflexivo se encontram precedentes da metodologia foucaultiana do diagnóstico do presente. O *macrodiagnóstico* tem nas versões inspiradas por Freud um representante prolífico, sendo esse o primeiro contraste que pode ser estabelecido entre as linhas de análise inauguradas pelo morávio e Nietzsche.

Contrariando a tendência de renovação da associação entre as teorias desses autores (ITAPARICA, 2021; CARNEIRO, 2022; PASCHOAL, 2025), este trabalho parte das diferenças entre seus edifícios teóricos, delimitando um elemento, a distribuição da renúncia pulsional, que impacta de forma geral as leituras geradas por cada tradição diagnóstica. Para cumprir essa avaliação geral, as linhas de avaliação macrodiagnóstica de cada pensador serão tomadas como um tipo de modelo. A caracterização desses modelos viabilizará seu comparativo posterior e uma proposta de complementariedade, advertida dos limites conceituais de cada um deles.

1 A ANTROPOLOGIA FREUDIANA

O termo “antropologia freudiana” pode ser depreendido das produções de psicanalistas e entusiastas desse movimento em momentos anteriores à década de 70, para os quais os trabalhos de Freud legaram conclusões sobre eventos da história natural da humanidade e bases metodológicas para a antropologia empírica (BARNES, 1959; RÓHEIM, 1940; KLUCKHOHN, 1956). A ideia de uma prática antropológica retirada das teorias freudianas

descrevia bem e tendia a ser acolhida por seus praticantes, ainda que convivesse com críticas advindas sobretudo da própria antropologia e pensamento feminista (BEAUVOIR, 1949; LÉVI-STRAUSS, 1962).

É apenas nas cercanias de 1970 que a disciplina antropológica refuta as teses freudianas (LÉVI-STRAUSS, 1949; 1962), promovendo o abandono por parte dos psicanalistas das pretensões empíricas de suas teorias antropológicas e a absorção parcial das inovações nesse campo. A atualização do posicionamento epistêmico das propostas freudianas dificulta sua apreensão como teorias sobre o homem. Ainda assim, é possível reconhecer seja em Freud, seja em sua recepção após 1970, a permanência de uma teoria homem em psicanálise, desprovida de pretensões clarificadoras para a história natural do homem e na qual residem as linhas de base para as avaliações de contexto psicanalíticas.

Retomaremos *Totem e tabu*, trabalho inaugural da antropologia freudiana e texto que está no cerne dessas questões. O trabalho concluído em 1913 verte uma reconstituição hipotética da transição histórica da horda primitiva, forma de organização ainda presente entre os hominídeos, ao totemismo, considerado por Freud a primeira forma de organização social e fundamento das disposições sociais subsequentes.

Na horda primitiva da narrativa freudiana, os membros de um grupo estavam todos submetidos ao monopólio sexual do pai primevo, onde as fêmeas contavam como suas parceiras e os machos tinham o intercuro sexual com qualquer uma de seu grupo vedado. Em dado momento, que Freud considera um evento histórico, os membros da horda mataram, dividiram e canibalizaram o pai primevo (FREUD, GW IX, TT)². Os eventos subsequentes dessa matança são definidores do pacto que caracteriza a civilização, pois seus autores, já coordenados no ataque ao chefe da horda, abdicaram em conjunto da pretensão de reocuparem o posto vago.

Os homens, então equalizados por esse acordo, desenvolvem retroativamente a certeza interna de reprovação à violência cometida contra o pai da horda, pois a renúncia ao seu posto também implica na rejeição do tratamento dispensado ao pai a outro membro da horda. A ordem entre os homens na recém-inaugurada organização totêmica consiste na abdição dos homens da pretensão de desposarem as mulheres de seu próprio totem e acesso às mulheres de outros totens, pela abdição universal das mulheres do mesmo totem praticada por todos os homens sob esse regime (FREUD, GW IX, TT).

O sistema totêmico era interpretado por Freud como a formação mais primitiva da cultura. Nesse paralelo, o totem é entendido como ancestral mais antigo da família e precedente que explica o caráter ambíguo das atitudes frente ao poder, onde o mesmo governante pode ser tomado como temido e poderoso, ao mesmo tempo que uma impotente figura cativa dos ritos e restrições implicados em sua primazia. Nessa concepção, os estudos de *Totem e tabu*

2 As citações dos trabalhos de Freud seguirão a edição das *Gesammelte Werke* seguirá o seguinte padrão (FREUD, GW, Nº do volume, abreviação do título do texto).

figuravam como uma importante chave interpretativa para entendimento das culturas que sobrevieram ao totemismo.

As conclusões freudianas nesse estudo psicoantropológico foram importantes para a psicanálise à medida que estabeleceram a universalidade do complexo de Édipo por meio de uma hipótese de origem da cultura. Contudo, a pertinência dessa proposta dependia da validade da hipótese de que o totemismo é o estágio inaugural de todas as culturas, do qual nenhum agrupamento isolado pode prescindir para sair de seu estado de natureza.

Décadas após o estabelecimento de uma antropologia freudiana, na década de 70, a antropologia empírica consagrou a reinterpretação do totemismo, impondo a falsificação das teses de Freud sobre a história geral das culturas. Essa refutação se somou a críticas anteriores vindas de frentes como o feminismo e serviram para desmobilizar a adesão institucional aos usos da psicanálise na antropologia empírica e o direto paralelo entre as propostas dessas duas disciplinas.

Após esse marco, o modelo de teoria do homem lançado por Freud e cujas linhas de base foram lançadas em *Totem e tabu* recuaram ao campo da psicanálise extramuros, frente que corresponde ao exercício de seu pensamento na interpretação de fenômenos que ultrapassem o domínio do *setting* terapêutico. Esse modelo pode ser decomposto, em que pesem suas variações contraídas no desenvolvimento do pensamento psicanalítico, em aspectos elementares, como a homogeneidade da renúncia pulsional, masculinismo da cultura, dualidade entre disposições conservadoras e disruptivas, entre outros. Este trabalho focaliza um desses aspectos, a renúncia pulsional, e se empenha em desdobrar considerações que contemplem outros elementos do modelo de avaliação freudiano, bem como o comparativo com o modelo nietzschiano, reafirmando sua relevância.

A ideia de homogeneidade da renúncia pulsional encontra um limitante em sua não universalidade, à medida que as mulheres são a meta abdicada pelos homens em acordo para manterem vago o posto do chefe da horda. Desse modo, no evento básico de estabelecimento do psiquismo, em que se estabelece uma consciência moral [*Gewissenshaft*] entre os humanos, não inclui as mulheres, atingindo a universalidade quanto ao gênero de forma progressiva com a sucessão da cultura de modo sugestivamente incompleto. A homogeneidade da renúncia pulsional se verifica, portanto, restritivamente entre os homens, excluindo as mulheres.

Essa intuição pode ser depreendida da antropologia freudiana à medida que as mulheres são objeto do pacto totêmico, mas não agentes participantes desse acordo. Com efeito, sendo a cultura uma sucessão de ampliações e extrapolações do regime totêmico, no qual a família tem seu protótipo, segue que as mulheres participaram desses processos à sombra dos agentes que a desdobraram e carentes dos dispositivos que permitem a domesticação dos instintos.

Com o descrédito da antropologia empírica psicanalítica, a intuição da maior incompatibilidade da mulher com a renúncia pulsional recorreu a outras suposições para se manter, tais como a experiência clínica (COELHO DOS SANTOS, 2009), em que a dificuldade de renúncia à satisfação é exibida de forma mais exuberante entre pacientes mulheres e a descrição psicanalítica do desenvolvimento psicosexual infantil, onde a castração é imposta às mulheres por sua condição genital, processo que ocorre por uma constatação anatômica, sem a internalização dos interesses da cultura, como ocorre entre os homens (FREUD, GW XIV, DS). Desse modo, o masculinismo da cultura consta entre as características limitantes do modelo macrodiagnóstico freudiano e que culminará na concepção da mulher como continente negro (FREUD, GW XV, FM).

Outro limite do modelo psicanalítico resulta da confrontação das origens totêmicas da cultura com a situação de desfecho na qual são verificáveis, seja nos tempos de Freud, seja nos atuais, a vigência de expressivas diferenças de classe nos seus contingentes que resultam em diferenças qualitativas e quantitativas da renúncia pulsional. Esse quadro supõe que as exigências de renúncia às demandas de satisfação são originariamente a base do psiquismo, porém se renovam de modo desigual para pessoas em posições desiguais.

Conecta-se com o descrito a condição de que o pacto de paz entre os filhos do pai primeiro encerra a guerra de todos contra todos, defletindo as tendências agressivas, destrutivas e mortificadoras para outras metas. O pacto civilizatório se renova por meio dessa renúncia à agressividade, porém a atualização de sua cota é divergente entre os membros na nova sociedade e substancialmente mais onerosa para existências menos favorecidas. Com efeito, temos que o pacto civilizatório é menos exigente para determinados grupos, fazendo com que diferentes contingentes tenham motivos mais fortes para demiti-lo, ainda que o ato implique a demissão de um aspecto fundamental e estruturante da domesticação dos impulsos. Essa mesma implicação abre margem para pensar em modos de vidas precários como propensos a violações pontuais do pacto social como crimes, manifestações agressivas, insubordinações entre outras.

Sinteticamente, a suposição da renúncia pulsional como inaugural para a civilização no modelo da teoria do homem freudiano lega implicações limitantes que, se irrefletidas, produzem desdobramentos problemáticos. Essas limitações se referem ao modo secundário como a mulher absorve as restrições e interesses da cultura e à secundarização das disparidades da renúncia pulsional prescrita pelo pacto civilizatório que, se sua demissão de alguma forma reedita-nos alguma animalidade, situa os desfavorecidos como mais próximos de fazê-lo.

2 LINHAS DE ANÁLISE NIETZSCHIANAS

O estabelecimento de uma completa teoria do homem nietzschiana esbarra na difusão de considerações antropológicas no interior de sua obra e a convivência em seus escritos de formulações não congruentes nesse domínio, situação provocada principalmente pela presença de propostas temporárias ou experimentais legadas pelo autor. Considerando esse

obstáculo, a reflexão aqui empreendida sobre um modelo macrodiagnóstico nietzschiano se restringirá à obra *Genealogia da moral*, na qual são encontrados elementos suficientes para desdobrar implicações sobre a teoria do homem nietzschiano em contraste com o modelo psicanalítico aqui depreendido.

Em Nietzsche encontramos um aspecto primário divergente do hipotetizado por Freud, pois para esse autor a distribuição da renúncia pulsional no início da civilização apresentava uma distribuição desigual, sendo que os elementos caracterizadores da cultura, como a moralidade, se estabeleceram sob um regime altamente desigual de distribuição de poder. Em Nietzsche não há, como ocorre em Freud, uma teorização exaustiva sobre a transição da natureza para a cultura, porém a segunda dissertação de *Genealogia da Moral* fornece significativos indicativos das concepções nietzschianas sobre essa transição.

A capacidade de prometer é um dos aspectos decisivos para o estabelecimento de instituições e disposições afins com a cultura, da qual deriva as relações de dívida, culpa e punição (NIETZSCHE, KSA 5, GM)³. Para o filósofo alemão, as práticas iniciáticas para a cultura atrelada a essas noções é atravessada por privilégios de classe, gênero e estamento que, do ponto de vista pulsional são heterogêneos em suas exigências. Dessa forma, o autor não parte da homogeneização da renúncia pulsional, como quer Freud, e sequer reconhece em sua fundação um pacto de paz tal como o presente no surgimento do totemismo. O aprofundamento das diferenças entre grupos especializados, como sacerdotes, guerreiros e agricultores legou disposições ao psiquismo, celebrando tais diferenças.

A cultura, para Nietzsche, não se inaugurou por meio de uma restrição da violência e crueldade ou deflexão dos impulsos, pelo contrário, estabeleceu um novo enquadre no qual a crueldade, violência e agressão são legitimadas. Desse ponto de vista, cabe aos senhores, e maximamente aos iguais, exigirem aquilo que lhes foi subtraído ou negado por meios punitivos, fazendo com que a domesticação da violência no interior da cultura reforça o exercício de privilégios.

Esse ponto de vista comporta uma importante diferença relativa à economia dos impulsos, pois o não estabelecimento de um pacto de paz na formação da cultura suaviza a contraposição entre agressividade, violência e propensões afins com as sociedades organizadas. O modelo que pode ser depreendido do ponto de vista nietzschiano não identifica automaticamente um abalo do pacto social em manifestações violentas e mortificadoras, pois não reconhece o a suspensão dessas tendências como base da cultura.

Quando consideradas as mulheres do ponto de vista nietzschiano, não contamos, como se espera em Freud, de um preciso posicionamento de sua posição nos contextos pré e pós-culturais. A construção de Nietzsche em *Genealogia da moral* permite depreender uma manutenção da diferenciação entre homens e mulheres do contexto natural para o âmbito da

3 Os trabalhos de Nietzsche serão citados a partir da edição dos Kritische Studienausgabe (KSA) e seguirão o formato (Nietzsche, KSA N° do volume, Abreviação do título do texto, [n° do aforismo])

cultura, porém de um modo que se diluiu com outras variáveis, como os sistemas culturais, aspectos de classe, reconhecimento social, entre outros.

É significativo para essa consideração o fato de que Nietzsche ressalta a importância da manutenção das diferenças entre homens e mulheres, tecendo críticas aos ideais de igualdade entre gêneros defendidos pelas pensadoras feministas de seu tempo. O filósofo considera um extravio nas lutas pela melhoria das condições da mulher a construção de ideias de igualdade que violam as diferenças entre gêneros. Nesses proferimentos polêmicos (NIETZSCHE, KSA 6, CI [37]), o autor aparenta indicar que a liberação da mulher de sua subalternização não passaria por uma equiparação de suas condições com as dos homens, mas com a formulação de um novo estatuto e posição social que comporte as especificidades desse grupo.

No paralelo aqui empreendido, temos no modelo nietzschiano de macrodiagnóstico uma concepção que sublinha diferenças entre grupos de análise desabonando a importância de aspectos gerais da psique, exigindo um aprofundamento nos contextos de construção para analisar tendências, o estado de desenvolvimento e saúde de uma cultura e seus setores. Assim, o modelo macrodiagnóstico nietzschiano não recorre a categorias universalizantes e não correlaciona categorizações de tendências pulsionais à adesão ao pacto civilizatório.

3 UMA PROPOSTA DE COMPLEMENTARIEDADE

Antecede a proposição de uma relação de complementariedade entre os modelos de macrodiagnóstico de Nietzsche e Freud uma apresentação sintética das teorias do homem de cada autor. Cumprida essa exposição, será possível estabelecer uma proposta de articulação entre os modelos desses autores em uma consideração que sublinha suas diferenças.

O modelo freudiano de teoria do homem é vocacionado ao macrodiagnóstico à medida que supõe um universal psicológico, o complexo de Édipo, e uma inibição das pulsões contraída de modo homogêneo entre homens. Ocorreu para antropologia freudiana um deslocamento da antropologia empírica para um modelo que se fez predecessor do diagnóstico do presente foucaultiano. Nele, as predições e diagnósticos sobre os contingentes humanos partem da homogeneização das tendências psicológicas entre os humanos, centradas na economia pulsional e sua correlação com os projetos civilizatórios vigentes.

Já no caso nietzschiano, temos uma concepção de homem que acolhe a importância dos fatores locais para organização de uma psique coletivizada. Considerando esse aspecto, temos um menor proveito para o macrodiagnóstico, exigindo considerações contextuais com maior peso para a composição de um quadro de análise pertinente. Nesse sentido, encontramos maior proximidade com a prática diagnóstica adotada por Foucault que, em diferentes momentos de sua obra primou pela reconstituição histórica e arqueológica de determinado contexto e reconstituição genealógica do passado, sem recorrer a uma teoria psicológica geral.

Ainda assim, a obra de Nietzsche comporta uma teoria da vida que pode ser impressa em um modelo macrodiagnóstico, porém essa teoria implica prescrições para os modos de vida, como o *amor fati*, fidelidade à terra e vontade de domínio. A integração dessas propostas em um macrodiagnóstico é complexa, pois se assumida sem restrições, transforma-se em uma dogmática. É possível supor que a recepção na primeira metade do século XX tenha tomado a teoria do homem de Nietzsche de modo doutrinário, em parte por decorrência da não observância dessas precauções.

O macrodiagnóstico nietzschiano pode ser complementar ao freudiano à medida que comporta uma conduta metodológica adequada para absorção dos problemas presentes no último. Esses problemas são as distorções provocadas pela aplicação do modelo psicanalítico em contextos em que diferenças de privilégios sociais, como classe e de gênero são relevantes para a descrição de um fenômeno. O modelo freudiano termina por equiparar os atos de renúncia pulsional em prol dos pactos social sem considerá-lo desigual entre diferentes membros da sociedade, levando à inadequada suposição de que determinados grupos, como as mulheres, apresentam maiores dificuldades em se integrar aos interesses da cultura.

Com o reconhecimento dessas disparidades, faz-se necessário questionar a pertinência da suposição de homogeneidade da renúncia pulsional para cada caso dado, recorrendo às precauções e considerações contextuais que a apreciação nietzschiana sugere. Assim, o macrodiagnóstico nietzschiano, menos generalizante, pode funcionar como uma advertência metodológica para os limites das premissas teóricas psicanalíticas, mais robustas em suas suposições.

CONCLUSÃO

Este trabalho intentou produzir uma breve comparação entre o macrodiagnóstico nietzschiano e freudiano partindo de um dos seus aspectos, a renúncia pulsional. Ao fazê-lo, foi possível apresentar outros de seus elementos constituintes e, de modo suficiente, mas não exaustivo, situar a problemática e limitação de seus usos. Como resultado, temos o modelo freudiano como mais robusto, porém mais problemático em suas aplicações, enquanto a concepção nietzschiana pode ser caracterizada como limitante. Por fim, foi acrescentada uma proposta de articulação entre esses modelos, onde o ponto de vista nietzschiano figura como ponto de suspensão da suposição freudiana da universalidade do Édipo e homogeneidade da renúncia pulsional, ainda mantendo a metodologia macrodiagnóstica.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Nietzsche citadas:

GM: Genealogia da moral

CI: Crepúsculo dos ídolos

NIETZSCHE, Friedrich. Zur Genealogie der Moral. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Samtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Banden*. Band 5. Berlin/Nova Iorque: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. Götzen-Dämmerung oder Wie man mit dem Hammer philosophirt. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Samtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Banden*. Band 6. Berlin/Nova Iorque: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 1988.

Obras de Freud citadas:

TT: Totem e tabu

FM: A feminilidade

DS: Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos

FREUD, Sigmund. Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechtsunterschieds. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke: chronologisch geordnet*. Band 14. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1961.

FREUD, Sigmund. Die Weiblichkeit . In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke: chronologisch geordnet*. Band 15. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1961.

FREUD, Sigmund. Totem und Tabu. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke: chronologisch geordnet*. Band 9. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1961.

Demais obras:

BARNES, John Arundel. Anthropology after Freud. *Australasian Journal of Philosophy*, v. 37, n. 1, p. 14-27, 1959.

BEAUVOIR, Simone de. O ponto de vista psicanalítico. In: *O Segundo Sexo: fatos e mitos* (Sérgio Millet, Trad.). São Paulo: Difusão européia [sic.] do livro, p.59-72, 1970 (Trabalho original publicado em 1949).

CARNEIRO, Aglaé. Entre Freud e Nietzsche: quando instintos de vida e de morte se confluem em vontade de potência. *Cadernos do PET Filosofia*, v. 13, n. 26, p. 34-48, 2022.

COELHO DOS SANTOS, Tania. Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexualização à invenção do parceiro-sinthoma. *Ágora: Estudos em teoria psicanalítica*, v. 12, p. 9-26, 2009.

ITAPARICA, André Luís Mota. As teorias dos impulsos de Nietzsche e Freud. *Cadernos Nietzsche*, v. 42, n. 1, p. 15-30, 2021.

KLUCKHOHN, Clyde K. The impact of Freud on anthropology. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, v. 32, n. 12, p. 903, 1956.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares de parentesco* (Mariano Pereira, trad.). Petrópolis: Vozes, 1982 (Trabalho original publicado em 1949).

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Totemismo hoje* (Malcolm Bruce Corrie, trad.). Petrópolis: Vozes, 1975 (Trabalho original publicado em 1962).

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Esquecimentos tendenciosos em Nietzsche e Freud. *Natureza Humana-Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, v. 27, n. especial1, p. 210-223, 2025.

RÓHEIM, Géza. Freud and cultural anthropology. *The Psychoanalytic Quarterly*, v. 9, n. 2, p. 246-255, 1940.

Artigo Submetido em 12/09/2025 e aprovado em 21/09/2025

Breves informações sobre o autor: Psicólogo, Mestre em estudos psicanalíticos e doutorando em Filosofia (UFMG), membro do grupo Nietzsche (FAJE).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1880-3461>

E-mail: felipepsi@live.com

Endereço: Avenida Afonso Pena, 748, sala 1001

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Bruno Camilo de Oliveira, André Augusto Maia